

MANUSCRITO 2**BARREIRAS DE COMUNICAÇÃO ENCONTRADAS PELOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO OFERTADO AS PESSOAS SURDAS****COMMUNICATION BARRIERS ENCOUNTERED BY NURSING STUDENTS IN RELATION TO THE CARE OFFERED TO DEAF PEOPLE****Resumo**

Este estudo objetivou identificar as barreiras de comunicação encontradas pelos estudantes de enfermagem em relação ao atendimento ofertado as pessoas surdas. Trata-se de um estudo descrito com abordagem qualitativa com estudantes de enfermagem do oitavo semestre de uma universidade pública no interior da Bahia. Realizou-se uma entrevista semiestruturada com base em um roteiro construído pelas autoras. Utilizou-se como método de análise de dados, a Análise de Conteúdo de Bardin. Os dados encontrados foram categorizados, em duas categorias, a primeira “Comunicação entre profissional de saúde e o paciente com surdez na atenção básica” e a segunda “Presença dos intérpretes durante o atendimento”. As principais barreiras de comunicação evidenciadas no estudo foram a respeito da falta de conhecimento dos profissionais para efetivarem uma comunicação através do uso da Língua de Sinais e as consequências que a presença do intérprete e do familiar podem gerar durante o atendimento. O conhecimento do profissional de enfermagem sobre a Língua de Sinais é essencial para uma comunicação satisfatória. Os profissionais precisam compreender que a Língua de Sinais é a forma de comunicação mais eficaz e segura, para se pensar em atendimento de qualidade e acessível as pessoas surdas atendidas na atenção básica. A realização de capacitações se torna imprescindível e necessária para a garantia da qualidade no atendimento.

Palavras- chave: Enfermagem; Estudantes; Atenção Primária a Saúde; Surdez.

Abstract

This study aimed to identify the communication barriers encountered by nursing students in relation to the care offered to deaf people. This is a study described with a qualitative

approach with nursing students in the eighth semester of a public university in the interior of Bahia. A semi-structured interview was carried out based on a script created by the authors. Bardin's Content Analysis was used as a data analysis method. The data found was categorized into two categories, the first "Communication between health professionals and deaf patients in primary care" and the second "Presence of interpreters during care". The main communication barriers highlighted in the study were the professionals' lack of knowledge to communicate through the use of Sign Language and the consequences that the presence of the interpreter and family member can generate during care. The nursing professional's knowledge of Sign Language is essential for satisfactory communication. Professionals need to understand that Sign Language is the most effective and safe form of communication, to think about quality and accessible care for deaf people receiving care in primary care. Carrying out training becomes essential and necessary to guarantee quality of care.

Keywords: Nursing; Students; Primary Health Care; Deafness.

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), é legalmente reconhecida no território brasileiro através da Lei 10.436/02, é usada pelos surdos no processo comunicacional e também como meio de interação no ambiente social. A LIBRAS como uma língua apresenta uma estrutura particular, com características linguísticas como a de qualquer outra língua. Além disso, demonstra elementos da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica pragmáticos específicos, que se aproximam de outras línguas orais, ou oral-auditiva. Em contrapartida, a sua forma de apresentação é espaço-visual (Quadros; Krnopp, 2004). A LIBRAS é a língua materna (primeira língua) da pessoa surda, sendo o principal meio de comunicação com as pessoas não surdas.

A Surdez é uma limitação não vista, especificamente quando se refere a acessibilidade, uma vez que, diferentemente dos casos em que a pessoa tem redução de mobilidade, não precisa de modificações físicas (Costa; Silva, 2012). No entanto, demanda a implantação de mecanismos direcionados ao treinamento de trabalhadores das diversas áreas, inclusive da saúde para a utilização da LIBRAS e a conscientização da sociedade (Rocha et al., 2017).

A surdez pode provocar efeitos indesejáveis na comunicação quando um dos interlocutores não conhece a Língua de Sinais, o que pode favorecer o surgimento de

obstáculos que prejudiquem ou dificultem o diálogo entre paciente e profissional. Esse fato, coopera para o afastamento das pessoas surdas nos setores de saúde, bem como na possibilidade de diagnóstico errôneo, podendo assim, interferir no nível de atendimento. Ressalta-se, portanto, que ter um profissional que realiza ações de acolhimento torna-se indispensável, pois dessa forma facilita a entrada do público nas unidades de saúde o que possibilita melhorias na atenção à saúde do surdo (Condessa et al.,2020).

Por meio da comunicação constituída com o usuário, o trabalhador consegue entendê-lo como um indivíduo integral e que tem sua própria percepção de mundo. É imprescindível, portanto, que o profissional efetue uma comunicação de qualidade, no intuito de impedir falhas no atendimento (Cavagna et al., 2017).

Quando ocorre um erro na troca de informações, existe a possibilidade de ocorrer falhas nos diagnósticos, problemas no prontuário, estabelecimento de uma terapêutica não adequada para a doença encontrada. Nesse quesito, o acolhimento na saúde se torna essencial para garantir as pessoas o direito à saúde (Soares et al., 2018).

Os estabelecimentos de saúde no Brasil têm como responsabilidade atender a sociedade em sua integralidade, conduzidos pelos programas do Ministério da Saúde voltado para as ações que visam desde a promoção até o tratamento da saúde das pessoas (Saraiva et al., 2017).

A Política Nacional de Atenção Básica – PNAB, de 2017, estabeleceu que todos os profissionais que compõe a atenção básica acolham seus usuários de forma integralizada e ofereçam uma escuta qualificada, tornando mais fácil o ingresso da comunidade aos serviços de saúde. Para tanto, é preciso capacitação para expandir as práticas acolhedoras na Unidade Saúde da Família (Brasil, 2017a).

A Comunicação é essencial na vida das pessoas, pois a partir dela é possível conviver em sociedade. Para os profissionais de enfermagem, é um elemento fundamental para a prestação dos cuidados, pois possibilita a interação do usuário com o profissional (Araújo et al., 2015; Silva; Faria, 2014).

Para a equipe de enfermagem a conversação com as pessoas surdas pode sofrer interferências negativas no que refere a comunicação de qualidade, devido à ausência de capacidade do trabalhador em efetivar a troca de informações, trazendo assim implicações no atendimento (Narciso et al., 2022).

Nos setores de saúde, a existência do profissional devidamente preparado para efetivar uma comunicação usando a Língua dos Sinais com as pessoas surdas é essencial. Tal fato, é evidenciado por meio da Lei nº 10.436/2002 que reconhece a LIBRAS como língua oficial das pessoas surdas no Brasil e pelo Decreto nº 5.626/2005 que regulamenta a lei referida e garante ao surdo o direito a trabalhadores capacitados na saúde para prestar um atendimento usando a Língua de Sinais nos diversos ambientes (Brasil, 2002; Brasil, 2005).

No entanto, a falta de uma comunicação satisfatória entre surdos e trabalhadores da saúde, devido à não habilidade ou em virtude da presença de algum membro familiar ou intérprete da língua de sinais contribui para que as pessoas surdas não tenham seus direitos a saúde atendidos (Pires; Almeida, 2016).

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo identificar as barreiras de comunicação encontradas pelos estudantes de enfermagem em relação ao atendimento ofertado as pessoas surdas.

Métodos

Trata - se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, tendo como cenário uma universidade pública localizada no interior do estado da Bahia. O local de escolha se deu devido ao fato de ser instituição pública e ofertar o curso de bacharelado em enfermagem na região.

Participaram da pesquisa sete estudantes de enfermagem do oitavo semestre, por estarem próximos ao término da graduação e já terem realizado práticas, o que contribui para uma maior sensibilização desses por estarem prestando cuidado direto aos usuários do sistema único de saúde.

A pesquisa investigou as barreiras de comunicação evidenciadas pelos estudantes de enfermagem no atendimento prestado as pessoas surdas. Na pesquisa foi analisada a resposta sobre a pergunta “Quais as possíveis barreiras de comunicação em relação ao atendimento ao surdo na atenção básica?”

A coleta de dados foi iniciada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O termo foi lido pela autora principal, esclarecidas todas as dúvidas e assinado pelos participantes. Ressalta-se que, por ser uma pesquisa não presencial, utilizou-se o *Google Forms*.

Os dados foram coletados por meio da realização de uma entrevista semiestruturada através de um roteiro confeccionado pelas próprias autoras. As entrevistas foram realizadas no mês de setembro de 2023, de forma virtual, via plataforma *Google Meet*, apenas com a presença da entrevistadora e do entrevistado (a), com duração em torno de 15 a 20 minutos. As entrevistas foram gravadas com dispositivo para este fim, com a finalidade de manter a fidedignidade dos registros das respostas, sendo posteriormente transcritas na íntegra e realizado a pré-análise. O método de análise utilizado foi a Técnica de Análise de Conteúdo Temático de Bardin, considerando as fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados; inferência e interpretação.

A pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “O atendimento das pessoas surdas na atenção básica na percepção de estudantes de enfermagem” e acatou todas as questões éticas explanadas pelas Resoluções Nº 466/2012 e Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A apresentação dos resultados procedeu-se através da identificação por números de participante (nº1, nº2, participante nº3 e sucessivamente).

Resultados e Discussão

A pesquisa teve como universo os estudantes de enfermagem de uma universidade pública do interior da Bahia. Responderam a entrevista sete estudantes. Os resultados encontrados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo e organizados em duas categorias que versam sobre as principais barreiras relacionadas ao atendimento de pessoas surdas na atenção básica, a saber: 1) Comunicação entre o profissional de saúde e o paciente com surdez na atenção básica; 2) Presença de intérpretes no atendimento.

Comunicação entre o profissional de saúde e o paciente com surdez na atenção básica

Para que seja possível estruturar um sistema de saúde gratuito e que atenda todas as pessoas, de acordo com o princípio da universalidade, a prevenção de patologias, promoção a saúde, tratamento e cura de enfermidades precisam estar disponíveis aos diversificados públicos (Kringo et al., 2013).

A Atenção Básica adquire recursos e incentivos de nível federal para que efetue capacitações e atualizações dos profissionais que atuam nesses serviços, para obtenção de

insumos necessários e também para melhorar a infraestrutura. Além disso, a realização de ações que visam o acesso e o acolhimento são fundamentais, tendo em vista que a Unidade Básica de Saúde (UBS) é a porta de entrada das pessoas no sistema único de saúde, e, portanto, deve ter condições para acolher todos os indivíduos de acordo com os princípios do SUS (França et al., 2021).

As Redes de Atenção à Saúde (RAS) foram instituídas com a finalidade de eficácia e praticabilidade, aprimorando assim, o modelo de saúde por meio dos pactos sendo eles: pacto pela vida, pacto pela gestão e pacto em defesa do Sistema Único de Saúde (Brasil, 2010). Nesse contexto, a Rede de Cuidado à Pessoa com Deficiência conta com o suporte da RAS, para viabilizar atualizações, gerar informações, ações de promoção a saúde e de vigilância no campo da Atenção Básica. Desta forma, é neste ambiente que o pequeno público de surdos está presente, mas se encontra a mercê dos processos de saúde, que por vezes, contribuem para uma comunicação prejudicada, limitações de recursos, fatores esses que favorecem a não adesão do surdo na Atenção Básica (França et al., 2021).

Na oferta da assistência à saúde, é preciso que ocorra uma comunicação entre profissionais e usuários. Tal fato, deve fazer parte de processo do cuidado, no intuito de viabilizar um atendimento com clareza e segurança, tanto para o profissional de enfermagem quanto para o surdo. Perguntamos aos participantes quais as possíveis barreiras na comunicação com o usuário surdo. Nesse sentido, diante das falas dos participantes, fica evidente que a principal barreira é a dificuldade de comunicação entre usuário surdo e o profissional de saúde, considerando que os mesmos não possuem domínio da Língua de Sinais que é a, primeira língua dos surdos.

[...] Não se comunicar com a libras causa um impedimento, essas pessoas não vão, até porque não vão ser compreendidas ou não vão compreender a consulta, o Ministério da Saúde deveria atentar para essa inclusão, essa barreira de não ter profissionais adequado para atender as pessoas [...] (Participante nº3)

[...]o profissional não saber a língua dos sinais, para falar diretamente com a pessoa surda e a falta de comunicação direta com o paciente, faz com que as pessoas surdas acabem não indo procurar os serviços porque vão sair de lá sem o atendimento integral, sem uma visão holística [...] (Participante nº5).

[...]posso dizer que as barreiras de comunicação, pode ser a própria comunicação, acho que é isso. Como que eu vou procurar um serviço de saúde e chegar lá o profissional não vai entender [...] (Participante nº7)

Os resultados do presente estudo constataram que as dificuldades de comunicação, entre trabalhador da saúde e pessoa surda, impossibilitam que a assistência seja de maneira integralizada o que ocasiona na não satisfação dos usuários. Tal dado, corrobora com um estudo realizado no Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro, ao analisar a percepção dos surdos sobre a comunicação com os profissionais de saúde, concluiu, que os obstáculos encontrados no processo comunicacional colaboram para que os mesmos não procurem os serviços de saúde (Santos; Portes, 2019).

Concordando com este estudo, uma pesquisa realizada por Rezende, Guerra e Carvalho (2021), demonstrou que a maioria das pessoas surdas se comunicam usando a Língua de Sinais o que ressalta a importância de os profissionais de saúde estarem devidamente habilitados para executarem uma comunicação por meio dessa língua.

Levando em consideração o quesito educação em saúde, desde a realização da anamnese até as orientações, e a comunicação apropriada entre trabalhador e paciente, acredita-se que quando essa comunicação demonstra falha, aumentam as chances de diagnósticos imprecisos e de difíceis resoluções (Soares et al., 2018). Os profissionais de enfermagem, muitas vezes, não estão preparados para assistir a sociedade, o que pode cooperar para que a assistência seja insatisfatória e conseqüentemente, dificulte a adesão de pessoas surdas nos serviços de saúde e ao tratamento adequado (Souza Junior et al., 2023).

Nesse sentido, ao procurar assistência à saúde, os principais empecilhos enfrentados pelas pessoas surdas estão relacionados ao não entendimento dos trabalhadores de saúde no que refere a LIBRAS, e a ausência de intérpretes da língua nos serviços. É nítido que essas situações desfavorecem a presença desse público nos setores de saúde. Um estudo realizado no Reino Unido mostrou que o nível de não satisfação dos serviços fornecidos na atenção básica pelos profissionais é mais notório entre o público não ouvinte do que as pessoas ouvintes (Santos; Portes, 2019).

Outros autores (Marquete; Costa; Teston, 2018; Santos et al., 2019; Nepomuceno et al., 2022; Ferreira et al., 2019; Soares et al., 2018), evidenciaram que devido ao enorme quantitativo de trabalhadores não capacitados para se comunicarem satisfatoriamente por meio da Língua de Sinais, a troca de informação é lesada, acometendo a assistência, tornando-a ineficiente, favorecendo o surgimento de danos ao processo saúde/doença do usuário.

Sabemos que, além das dificuldades de comunicação, as pessoas surdas enfrentam outros problemas, como, por exemplo, as barreiras pedagógicas. Veja a narrativa, quando foi perguntado sobre outras barreiras que poderiam interferir no atendimento da pessoa surda.

[...] só agora, que está colocando um chão adequando para uma pessoa com deficiência poder circular sozinha, porque um aluno ingressou na universidade, que teve que entrar com processo para se adaptar, então só agora foi ter espaços com libras, só agora de novo foi pensado na inclusão [...] a gente vê que quase ninguém liga, eu acho que para a comunicação ocorrer primeiramente temos que trabalhar nesse sentido [...]](Participante3).

A literatura aponta que barreiras arquitetônicas e pedagógicas estão presentes, podendo ser observadas também nas unidades educacionais, as quais, e geralmente, não apresentam estrutura adequada para atender as pessoas com deficiência, o que favorece para que ocorra uma limitação de ambientes e de acesso à informação, surgimentos de novos trabalhadores e admissão desses indivíduos no mercado de trabalho. Esses embates podem ser considerados empecilhos para muitas pessoas, já que não dispõem de fontes estimuladoras e impulsoras para um melhor crescimento profissional (Faro; Gusmai, 2013).

Faz-se necessário mencionar que há adversidades no atendimento, tais como: falta de estrutura apropriada, insuficiência de insumos ilustrativos que ajudem no diálogo, levando em consideração a particularidade e escolaridade de cada surdo, ausência de preparo profissional, de conversação e do profissional intérprete de Língua de Sinais (França et al., 2016), fatores que podem dificultar o atendimento integral e mais aprofundado das pessoas surdas.

Um dos participantes da pesquisa destacou na narrativa o fato de alguns profissionais de saúde não perceberem a necessidade de conhecer a Língua Brasileira de Sinais, e conseqüentemente, não procurar capacitações necessárias.

[...]a principal barreira talvez não seja em relação ao paciente, mas aos profissionais em não ver a necessidade de ter esse conhecimento, porque é muito mais fácil se acomodar no lugar que você está com o conhecimento mínimo que você tem [...]eu acho que pior do que a comunicação são os profissionais que não se vem sensíveis a essa demanda [...] (Participante nº2).

Argumentamos que tal informação demonstra a necessidade da oferta da disciplina de LIBRAS, e que ocorra o contato com a língua durante a academia, no intuito, de conscientizar esse estudante sobre quão importante é o conhecimento da língua de sinais para o atendimento de todos os que buscam o serviço de saúde.

O estudante, ao adentrar no cotidiano da profissão consegue identificar e conhecer a situação que a comunidade está inserida, sendo, portanto, possível compreender a realidade vivenciada, que pode favorecer para que o próprio tenha uma nova visão do contexto, bem como, para o estabelecimento de mecanismos que favoreçam os surdos no desenvolvimento de sentimentos de sua própria valorização e inclusão de suas particularidades (Marques; Pereira, 2017).

A aproximação com surdos influencia no aprendizado da Língua dos Sinais (Silva; Gomes, 2018). O entendimento da LIBRAS coopera no processo de aprendizado do estudante, uma vez que permite o desenvolvimento de senso crítico, reflexivo, social e inclusivo dos cuidados à saúde dos surdos, contribuindo ainda, para a aprendizagem (Bernardo et al., 2021).

É importante salientar, que a ausência de diálogo nos setores de saúde com os indivíduos que comungam a cultura surda, configura com a não efetivação da legislação que assegura a inclusão da pessoa com deficiência, o que deixa claro as dificuldades na garantia dessas políticas públicas (Silva et al., 2021).

Apesar de ser assegurado na legislação a acessibilidade e a prestação da assistência inclusiva e integralizada as pessoas com deficiência sensoriais na maioria das vezes não acontece como preconizado pela Constituição, provocando falta de segurança e oposição por parte dos pacientes em buscar pelos serviços de saúde (Santos et al., 2020).

Em conformidade com o estudo, observa-se que outro entrave na comunicação entre profissionais de saúde e a pessoa surda, acontece devido à ausência de inclusão.

[...] posso dizer que as barreiras de comunicação é a própria socialização das pessoas, a inclusão delas, porque se você está em um ambiente que as pessoas não conseguem se comunicar efetivamente com você, por não dominar a linguagem dos sinais essas pessoas tendem a estar excluídas de alguma forma, justamente por esse sentido, a acessibilidade delas aos serviços de saúde se tornam reduzidas [...] (Participante n^o6).²

Contudo, percebe-se que alguns problemas enfrentados pelas pessoas surdas no decorrer da vida são devido a maneira como são vistos pela população, pois, a maioria, desconhece as necessidades desses indivíduos, colaborando, dessa maneira, para que o próprio surdo tente se adaptar ao meio para que possa ser aceito e entendido pela sociedade (Strobel, 2008).

² Embora aparece no comentário a palavra linguagem, o termo correto é língua.

Nesse âmbito, uma ferramenta capaz de proporcionar artifícios de inclusão social, são as tecnologias assistivas, que se refere ao uso de recursos e serviços que abarquem as demandas das pessoas com deficiência, de modo a proporcionar autonomia. Oportunizar o entendimento de artifícios disponíveis para estabelecer a autodeterminação e liberdade é permitir a formação de cidadãos críticos e atuantes na comunidade (Costa, 2019).

Uma das tecnologias comumente utilizadas na tentativa de facilitar a comunicação são os aplicativos. Estudo realizado por Araújo et al., (2021), analisou os tradutores para a Libras, levando em consideração a função e a opinião das pessoas que fazem uso dessa tecnologia. O próprio avaliou os aplicativos móveis: Hand Talk, Giulia, VLibras, Ryben´a, Libras Lens e Acesso Brasil. Evidenciou-se que grande parte dos aplicativos analisados detém de atributos e funções que favorecem sua utilização no meio educacional, sendo muito efetivos nas traduções e capturas de textos reais, por meio da câmera do celular, além do regionalismo.

As dificuldades de comunicação só serão sanadas a partir do momento que o processo comunicacional entre surdos e trabalhadores da saúde for melhorado, no intuito de certificar que a troca de informações ocorreu de forma recíproca e eficiente (Lunza; Emma, 2017).

Presença de intérpretes durante o atendimento

A ausência de trabalhadores habilitados para efetuar uma conversação com uso da LIBRAS repercute na conduta dos usuários, pessoas que amplas vezes contam com um auxílio de uma outra pessoa para mediar o atendimento. Através disso, podemos perceber o enorme incômodo por parte do cliente, pois, não possibilita a aproximação entre a pessoa e os profissionais, além disso, encontrar um atendimento satisfatório a pessoa surda na unidade básica de saúde é um desafio, que acaba ocasionado uma redução no processo do cuidado integral à saúde (Sanches et al., 2019).

O profissional intérprete de Língua de Sinais é capacitado para realizar as traduções e interpretações da LIBRAS para a língua oral e da língua oral para LIBRAS em território nacional (Brasil, 2010). No entanto, apesar da relevância da presença do intérprete de Língua de Sinais nos serviços de saúde, e de uma legislação que garante as informações supracitadas, na área da saúde esse acesso ainda não é real (Rocha et al., 2017; Oliveira; Celino; Costa, 2015).

A existência desses profissionais nos setores que ofertam atendimento à saúde é considerada como uma ferramenta para reduzir as dificuldades comunicacionais (Maquete; Costa & Teston, 2018). Por outro lado, a presença desses profissionais gera incômodo, por temerem a não descrição e/ou ausência de privacidade (Souza et al., 2017).

Nos achados da presente pesquisa, na maioria das respostas os participantes relataram que a presença do intérprete seria satisfatória no que refere a tradução em si, porém poderia afetar a privacidade e autonomia do cliente.

[...] eu acredito que ajudaria, ajudaria muito, mas eu acho que a partir do momento que eu sei conversar com aquela pessoa, eu acho que gerava uma conexão maior, eu prefiro conversar com a pessoa, para criar um vínculo, ser mais efetivo, a pessoa teria dúvidas que olhando no meu olhar conseguiria perguntar mais fácil[...] (Participante nº1).

[...] o intérprete teria como o ponto positivo a possibilidade de um diálogo, mas o negativo, a gente atende e muitas vezes a gente trata de questões muito sensíveis e muito densas e particulares sobre a vida de cada paciente [...] ao mesmo tempo que a gente tem a possibilidade de ter uma comunicação viável, tem o lado negativo de que principalmente se for o familiar, talvez a gente pode entender que ali é uma assistência à saúde, independentemente de ter uma ou duas pessoas, ali são profissionais trabalhando para efetuar essa consulta, esse atendimento. Mas, quando a gente fala do familiar, a gente entende o quanto seria mil vezes mais complicado para o paciente se sentir confortável para falar de algumas questões, nós entendemos que nem todo mundo tem a mesma liberdade com os familiares, parentes [...] (Participante 2).

[...] intérprete creio que para a função em si de passar a informação, a presença do intérprete traz um benefício, mas a consulta é algo particular você vai está falando algumas coisas que as pessoas não gostariam de explicar, a gente fica na dúvida, mas se o profissional for um tradutor particular dessa pessoa, é ótimo. Mas, em outras circunstâncias eu não sei bem se seria bom (Participante nº3)

[...] barreiras de comunicação na atenção básica eu acredito que seja aquela questão voltada ao acompanhante, a pessoa surda está com o acompanhante e esse acompanhante acaba fazendo essa comunicação com o profissional, não é uma comunicação ali diretamente para a pessoa surda (Participante nº5).

Ao necessitar da presença de outra pessoa para coletar as informações, o usuário tem seu direito ao sigilo negado. Esse fato, colabora para o que o paciente se sinta constrangido. Ademais, percebe-se as limitações na confecção dos prontuários, além da possibilidade de diagnósticos incorretos e tratamento inapropriado (França et al., 2021).

Para os graduandos a presença de acompanhantes e intérprete de língua inviabiliza o estabelecimento de vínculo entre a pessoa surda e o profissional. Essa situação pode cooperar

para a não interação entre os referidos, bem como contribuir para a não adesão do grupo no serviço de saúde.

[...]eu acho que a questão do vínculo mesmo, sempre penso nos meus estágios, [...] na unidade básica de saúde, essa questão do vínculo. O intérprete de certa forma interfere no atendimento, mas eu acredito que seja por conta do vínculo que não passa direito (Participante nº1)

Colaborando com este estudo Marquete, Costa e Teston (2018), mostra que o intérprete da Língua de Sinais pode facilitar o atendimento, porém, a presença desses profissionais nas consultas, dificulta o estabelecimento de vínculos e a conversação com os usuários surdos. Por sua vez, a Língua de Sinais favorece para que os trabalhadores de saúde consigam identificar as precisões da comunidade de maneira integral, dessa forma, possibilita melhorias no vínculo entre surdos e profissionais (Cavagna et al., 2017).

Conclusão

Uma comunicação efetiva entre profissionais de saúde e surdos acontece a partir do momento que ambos utilizem a Língua de Sinais como forma de comunicação. Ao compreender as possíveis barreiras entre profissionais de saúde e pessoas surdas é notório a relevância do processo comunicacional.

O conhecimento da Língua de Sinais é uma condição indispensável para a prestação da assistência a pessoa surda, bem como para aproximação entre profissionais, tendo em vista quão importante é que essa comunicação seja efetiva, reduzindo consideravelmente a possibilidade de erros, preconizando os princípios da universalidade, igualdade e integralidade e garantindo a inclusão das pessoas surdas nos serviços de saúde.

As barreiras comunicativas além de interferir na comunicação, afastam as pessoas surdas das unidades de saúde, interferem diretamente na relação entre profissional e usuário. Ainda que favorável em determinadas situações, a presença de outra pessoa, como o intérprete de Libras, pode ocasionar a perda da autonomia e privacidade do paciente.

A contribuição deste estudo consiste na possibilidade de sensibilizar os futuros profissionais de saúde e/ou os profissionais atuantes sobre a necessidade de compreender a LIBRAS para efetivar uma comunicação satisfatória, na qual o profissional e o próprio paciente ao término da consulta estejam cientes do que foi explanado. Além disso, que os

profissionais vejam a importância e necessidade de buscarem por capacitações nessa área, para que possam ofertar um atendimento de qualidade e excelência e, sobretudo, acessível, aos usuários surdos atendidos no sistema único de saúde.

Referências

BERNARDO, Lucas Andreoli. THOLL, Adriana Dutra. NITSCHKE, Rosane Gonçalves. VIEGAS, Selma Maria da Fonseca. SCHOELLER, Soraia Dornelles. BELLAGUARDA, Maria Lígia dos Reis. TAFNER, Daniela Priscila Oliveira do Vale. Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2021.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Brasília, DF: Presidência da República, 2005.

BRASIL. Diretrizes para organização da rede de atenção à saúde do SUS (2010). Ministério da Saúde.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.436, de 24 de abril 2002**. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº. 2.436 de 21 de setembro de 2017. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2017a.

CAVAGNA, Vitor Machado et al. O paciente surdo e suas vivências no sistema de saúde: uma interface com a enfermagem: The deaf patient experiences in the health system: an interface with the nursing. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 80, n. 18, 2017.

CONDESSA, Aline Macarevich et al. Barreiras e facilitadores à comunicação no atendimento de pessoas com deficiência sensorial na atenção primária à saúde: estudo multinível. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020.

COSTA, L. S. M.; NCZ, Silva. Desenvolvendo atitudes, conhecimentos e habilidades dos estudantes de medicina na atenção em saúde de pessoas surdas. *Interface Commun Heal Educ*. 2012; 16 (43): 1107-18.

COSTA, V. M. Coordenador. Tecnologias Assistivas. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Parte II. Módulo 4. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2019.(AUTORES) Desafios dos surdos no atendimento nas unidades básicas de saúde: Revisão Integrativa de Literatura. **22ª SEMOC UCSAL-2019 outubro**, v. 21.

DA SILVA, Andréa Adriana et al. A atenção básica da saúde na vida da pessoa com surdez: reflexões sobre essa política pública. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 22440-22455, 2021.

DA SILVA FRANÇA, Brenda et al. Acessibilidade de deficientes auditivos na atenção primária: uma reflexão sociocultural sob o olhar da enfermagem. **Ensino, Saude e Ambiente**, v. 14, n. 3, p. 995-1007, 2021.

DE ARAÚJO, Camila Crisse Justino et al. Consulta de Enfermagem às pessoas surdas: uma análise contextual. **ABCS Health Sciences**, v. 40, n. 1, 2015.

DOS SANTOS ROCHA, Carla Andrade et al. Formação de profissionais da saúde e acessibilidade do surdo ao atendimento em saúde: contribuições do projeto Comunica. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 5, n. 1, p. 112-147, 2017.

FARO, Ana Cristina Mancussi; GUSMAI, Luana de Fátima. Educação Inclusiva em Enfermagem: análise das necessidades de estudantes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, p. 229-234, 2013.

FERREIRA, Yara Cristina de Souza. As dificuldades dos profissionais de enfermagem da atenção básica em prestar atendimento à pessoa com deficiência (pcd) auditiva e/ou fala. **Revista científica do instituto ideia**, Rio de Janeiro, n.1, p. 233-250,2019.

KRINGOS, Dionne et al. The strength of primary care in Europe: an international comparative study. **British Journal of General Practice**, v. 63, n. 616, p. e742-e750, 2013.

LUNZA, Simasiku; EMMA, Nghitanwa. Experiences of registered nurses on communication with Deaf patients at Katutura state hospital, Namibia. **International Journal of Medicine**, v. 5, n. 1, p. 82-86, 2017.

MARQUETE, Verônica Francisqueti. COSTA, Maria Antônia Ramos. TESTON, Elen Ferraz. Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde. **Revista baiana de enfermagem**, v. 32, 2018.

NARCIZO, Beatriz Aparecida et al. COMUNICAÇÃO DE ENFERMEIROS COM DEFICIENTES AUDITIVOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista de Iniciação Científica da Libertas**, v. 11, n. 1, p. 14-32, 2022.

NEPOMUCENO, Samara dos Reis et al. Assistência de enfermagem a uma paciente surda hospitalizada: relato reflexivo de uma experiência. **Rev. Enferm. Atual In Derme**, p. 1-10, 2022.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo de; CELINO, Suely Deysny de Matos; COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti. Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, p. 307-320, 2015.

PIRES, Hindhiara Freire; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. **Revista enfermagem contemporânea**, v. 5, n. 1, 2016.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos. **Porto Alegre: Artmed**, 2004.

REZENDE, Regiane Ferreira; GUERRA, Leonor Bezerra; CARVALHO, Sirley Alves da Silva. A perspectiva do paciente surdo acerca do atendimento à saúde. **Revista Cefac**, v. 23, 2021.

SANCHES, Isline Carizia Borges et al. O papel do enfermeiro frente ao paciente surdo. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 858-862, 2019.

SARAIVA, Francisco Joilson Carvalho et al. O silêncio das mãos na assistência aos surdos nos serviços de saúde pública. **Olhares Plurais**, v. 2, n. 17, p. 94-104, 2017.

SANTOS, Alane Santana; PORTES, Arlindo José Freire. Perceptions of deaf subjects about communication in Primary Health Care. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 27, 2019.

SILVA, Francielle Fernanda; DA CUNHA FARIA, Cleide Chagas. O deficiente auditivo e as dificuldades na comunicação com profissionais de saúde. **Perquirere**, v. 2, n. 11, p. 190-201, 2014.

SOARES, Imaculada Pereira et al. Como eu falo com você? a comunicação do enfermeiro com o usuário surdo como eu falo com você? a comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

SOUSA JUNIOR, José Lima de et al. Relação comunicativa entre o profissional de saúde e o paciente surdo. *Ciências Biológicas e da Saúde: integrado saberes em diferentes contextos*, v.2, 2023.